

em fatal remate, apresta-se a traição, epílogo costumado da desventura.

*

Entra o ano de 72 a. C. e Perpenna, um dos generais de Sertório, arvora-se em cabecilha da conjuração. Convida Sertório para lauto banquete, em sua casa. Assistem ao festim outros chefes aliciados. A certa altura, um déles, M. António, aproxima-se disfarçadamente de Sertório e atira-lhe uma estocada. Secundam-no seus companheiros, e consuma-se o assassínio. Acaba assim, vítima de miserável atentado, um dos vultos maiores da Antiguidade Clássica, como vinte e oito anos mais tarde há-de suceder a César, vencedor de imortais campanhas. Morto Sertório, esfacela-se a resistência ibérica. Perpenna, abandonado pela maior parte do exército, é batido, feito prisioneiro e degolado por Pompeio, vingando seu próprio rival. Termina a guerra luso-celtibérica e corre o pano sôbre o último acto da tragédia ingente que, por uma çentena de anos, se desenrolara na Península, em sua luta heroica contra a dominação romana.

A. BOTELHO DA COSTA VEIGA.

Necrologia

Bernardo Rodrigues do Amaral

Eis aqui um nome que os arqueólogos não conhecem, mas que foi usado por um honrado cidadão que ao Museu Etnologico prestou grandes serviços. De alguns d'elles se deu noticia nesta revista, I, 218-219, IX, 303 nota, XVIII, 164, XIX, 370.

O S.^{or} Bernardo Rodrigues do Amaral nasceu em 3 de Março de 1839, no lugar do Outeiro de Espinho, concelho de Mangualde. Os vizinhos e amigos conheciam-no simplesmente pelo nome de *Morgado do Outeiro*, título que lhe viera dos seus antepassados. O que não sei, é se o título tinha cunho official, ou não passava apenas de affectuosa designação popular, pois muitas vezes nas aldeias costumam chamar *morgado* a um filho unico. O mesmo aconteceu quanto ao sexo feminino.

Dotado de indole bondosa e franca, nenhum necessitado se lhe aproximava com uma súplica, que não voltasse servido. Por isso todos lhe queriam muito.

Nas horas vagas, que o cuidado das suas propriedades e o gosto da caça lhe deixavam livres, applicava-se um pouco a ler, para se instruir. Foi assim, que, estando eu no concelho de Mangualde, em Setembro de 1892, a explorar um dolmen no sítio da Cunha Baixa, por convite do meu illustre amigo o D.^{or} Alberto Osorio de Castro, então residente naquele concelho, me relacionei com o S.^{or} Bernardo Rodrigues, que do Outeiro, que fica perto, acorreu ao local da ex-



Bernardo Rodrigues do Amaral

ploração, logo que, por indicação do D.^{or} Osorio, lhe constou o que ali se passava.

Ainda me lembro muito bem. Achava-me eu entretido com os trabalhadores a reparar na excavação, quando surgiu ao longe, de casaco, chapéu mole, e espingarda ao ombro, um individuo de barba intonsa, o qual falava muito alto, e entusiasticamente, com outros, ouvindo-lhe eu, avulsa na conversa, a palavra *Celtas*. Ora esta! disse eu de mim para mim. Quem é que conhece os Celtas por estes campos tão afastados do mundo, onde só pompeiam lendarios e volumosos penedos de granito, e se cria louro milho?

Não havia dúvida. Alguem os conhecia. Pouco depois o D.^{or} Osorio, que andava comigo, e se aproximou do ruidoso visitante, que não era outro senão o S.^{or} Bernardo Rodrigues do Amaral, punha-me em relações com ele, e em tão boa hora, que até à data do fa-

lecimento d'este, occorrido na terra da sua naturalidade em 18 de Agosto de 1926, as mantivemos inalteraveis e cordialissimas. — A ideia de Celtas teria advindo á mente do S.^{or} Morgado, porque ao tempo em que os investigadores de Arqueologia começaram a dar atenção aos dolmens, attribuiram-nos aos povos celticos, como ele leria algures; hoje está demonstrado que serviam de sepulturas, ainda mais velhas que os Celtas.

Por mais de uma vez o S.^{or} Bernardo Rodrigues me hospedou em sua casa a mim e a outros funcionarios do Museu, por ocasião de idas nossas ao concelho de Mangualde, ou a concelhos vizinhos, em pesquisas e estudos archeologicos. De uma das vezes em que impaciente me esperava havia dias, sem eu chegar, porque precisei de fazer por ali perto outras visitas, antes da que lhe prometera, não se reprimiu, que, ao ver-me entrar na sua casa uma manhã, não exclamasse com a maior satisfação e abraçando-me: «Ora cá o tenho!».

Os serviços que se prestam á sciencia nem sempre o público os aprecia devidamente. Uns comentam: para que servem pobres pedras com tanto afan arrancadas de ruinas antigas? Outros: que nos importam pedaços de vasilhas, despidos de arte, e sem graça? O que tais importunos ignoram é que as pedras falam instrutiva linguagem, quando tocadas de certa vara mágica, e que do exame da fôrma, pasta e côr de muitos cacos jorra luz que rompe as trevas do passado. O S.^{or} Morgado do Outeiro, apesar de viver entregue á lavoura, tinha o pressentimento de que a terra, que os seus criados lavravam, não fazia sómente germinar as sementes espargidas nela, mas escondia em si mesma, não raro, preciosidades archeologicas, que se deviam apanhar e guardar. Por isso a mim, que andava pela Beira á procura de ceramica antiga e lápides de aspecto estranho, me recebeu com tanto affecto, e ao encontrar, nas lavouras, ou andando á caça, por exemplo, um machado de pedra polida, uma mó que destoava das actuais, um silex facetado, aproveitava tudo, e m'o enviava para o Museu Etnologico.

Este Museu tem-se assim, na maior parte, formado de dadivas de pessoas bem intencionadas, —minhas conhecidas, ou minhas amigas—; nem, se assim não acontecesse, ele possuiria tantos objectos como possui, visto que os Governos não o dotam sufficientemente: e já cousas de ouro muito valiosas foram parar a cadinhos de ourives, ou a museus estrangeiros, por lhe faltarem recursos para as comprar!

J. L. DE V.